

INVISIBLE WEB

Por Luísa Geisler

1.

O Diretor acenou: estavam gravando.

O Personagem principal era negro (com unhas compridas). O Primeiro coadjuvante, loiro de biótipo escandinavo (com muita gordura no corpo). O Segundo coadjuvante, um homem latino (com cabelo verde e azul). Sob a mulher, o último coadjuvante, um oriental (com lábios apertados). Não. *Oriental* é um termo de merda. Ele vinha da China. Chegara aos Estados Unidos poucos meses atrás, mal sabia uma palavra fora do cantonês. Tão pouco sabia que tinha certeza que a mulher com quem os quatro transavam estava viva.

Um primo havia lhe indicado para o emprego. Um filme pornô, ele disse, ele e mais um bando de caras iam comer uma mulher. Só. Dois dias. O primo sorria ao oferecer a vaga: conhecia o Diretor desde que chegara aos Estados Unidos, sete anos antes. O dinheiro era bom o suficiente. Bom para pagar o aluguel, bom para mandar para algo para a mãe, bom para (quem sabe) comprar uma calça jeans, uma calça jeans boa o suficiente para arrumar um emprego vestido.

Era nisso que Hui Zhong(慧) — e nos Estados Unidos, Henry — pensava. Metia no fundo da mulher pensando no sorriso do primo ao oferecer o trabalho. Pensava em como a mãe lhe dissera para não ir. Pensava na menina querida da padaria, que estudava um pouco de chinês e era tão gentil. Dizia bom dia e obrigada em mandarim (americanizado). Apontava os preços e dizia as palavras em mandarim (Henry pensara nela para deixar o pau duro). Ensinou a Henry *coffee, cheesecake, bagel, cappuccino, mochaccino* e algumas cores.

Não pensou em quão frio (seco, áspero) era o interior daquela mulher. Não pensava em como ela não respirava (e parecia mais deixar ar sair dela). Não pensava em como ela não gemia, não interagira, não sentia dor com um pau em cada orifício possível e porra por todo o corpo. Não pensava em como ela não se importava com sujeira, não se incomodava com algumas moscas que pousavam na sua boca. Henry não pensava nisso porque não olhava para a moça (não-tão-jovem-mas-não-tão-velha, não-tão-magra-mas-não-tão-gorda, não-tão-bonita-mas-não-tão-feia).

Prendia a respiração e metia no fundo da mulher. Não pensava no cheiro de veneno de rato espalhado por aquele porão. Pensava em como explicar para o primo que queria um emprego mais... estável? É. Era essa a palavra. Seguro, estável. Pensou em como soar grato, mas com vontade de mudança.

O Diretor acenou: era o fim das gravações. Era isso por hoje. Henry se afastou porque todos se afastaram. Sorriu porque todos sorriam. Riam (e ele não entendia por quê) enquanto limpavam as mãos, os paus, subiam as escadas, alguns para o chuveiro da casa. O latino parou

do lado da mesa com salgadinhos, mas logo subiu. Henry não pensou em como a mulher ainda estava parada, mesmo depois de todos terem ido embora.

O Diretor explicou que, ao final das filmagens do dia seguinte, ele pagaria os outros 50%. Henry entendeu que: todos foram embora da casa do Diretor (num subúrbio qualquer) sem o resto do dinheiro. Imitou-os e atravessou o jardim de crisântemos bem cuidados.

2.

O Diretor desmoronou no sofá da sala de estar. Enrolou um baseado lentamente, apreciando o toque da seda e o cheiro de maconha. Acendeu-o. Ficou tragando por meia hora. Sentia dores no pescoço, o maldito ângulo da câmera; a garganta arranhada antes mesmo do baseado, os gritos, a motivação, o asiático imbecil (autista?); as mãos doloridas de clicar nos mesmos links e digitar os mesmos e-mails. Ainda tinha que dirigir por meia hora, para sacar o dinheiro dos *Bitcoins* e pagar os atores. Tinha que mandar o material para os responsáveis de edição (o cara que corta o começo e o fim, mexe no áudio e na luz, tira as partes em que as pessoas falam). Tinha que dar um jeito na bagunça no porão, procurar outra atriz. Tinha que comprar carne para o jantar. E cerveja. O Diretor sentiu cair nele uma vida cansada e ocupada.

Ficou tragando o baseado.

Uma vida à base de todo o conteúdo que *não estava na internet* visível dava trabalho. Muito trabalho. Era difícil estar na parte de baixo do iceberg que a web era, daquilo que o Google *não* acha, dos sites de endereço mutante h290skkklm01213wu97.onion (mas só essa semana), que só podiam ser acessados pelo Tor.

Não, não era paixão por paus enormes que fodem gente morta. E, no fundo, achava bem monótonos os vídeos do velho batendo um boquete para uma criança. E não, não era paixão por dinheiro. Havia melhores relações custo-benefício no mundo — ser *workaholic*, arranjar um emprego e suportá-lo o suficiente pra crescer; ser garçom de dia e músico à noite. Para o quanto se incomodava, o Diretor merecia o dobro.

Era (talvez) movido pela mentira de dizer que trabalhava num lugar que ninguém conhecia e que ninguém se interessaria. A história inventada a cada visita à casa dos pais. As namoradas que perguntavam por que o porão era trancado e ouviam a brincadeira: “eu gerencio meu site de pornografia lá”. Era (talvez) movido pela risada que vinha depois.

Era (talvez) movido por um desejo de liberdade. O direito constitucional (e inalienável) de todo ser humano: o de bater gozar com o que quisesse. *The ultimate freedom*, ele concluía (a liberdade derradeira). E, como resultado, as pessoas quando livres revelam o quão desprezíveis podem ser. No anonimato, ninguém liga para como aquela menina de 11 anos consegue enfiar um pau tão fundo no seu cu. Ninguém se pergunta da onde veio, para onde vai, aquela menina, aquele cachorro, aquelas minhocas, aquele negro, aquele loiro, aquele chinês (autista).

Todo mundo compra haxixe afegão, acha matadores de aluguel, drogas que nem o Google sabe direito o que são.

Ninguém se pergunta da onde veio e para onde vai o corpo que já apodrece no porão do Diretor. As bactérias misturando-se à porra, alguns fungos em partes úmidas, uma pequena aranha que subia lentamente a nuca (os braços, as pernas), chegando aos cabelos. Ratos ou baratas só se o Diretor não a tirasse dali logo.

Era (talvez) um apreço pelo cinismo. Um apreço pela pessoa (humana, carne e ossos, viva, com (algum) dinheiro e acesso à informação) que estava pouco fodendo. Esse ignorar do que é socialmente aceito. A derradeira contracultura. O ápice contra o sistema. Essa pessoa que ignora o fato de que é pervertida.

Porque (alguém) já deve ter dito (alguma vez) que fazer aquilo não era normal.

Alguém já falou disso num coquetel, as bizarrices que ouviu falar (um tom de misticismo) da *deep web*.

Os clientes deviam ter alguém.

Não eram todos os clientes maníacos solitários num apartamento sem emprego (eram?). Deviam ter família, alguns até casados. Mulheres que (talvez) picavam buceta com agulhas (numa espécie de acupuntura) enquanto sentavam com uma garrafa no cu. Mulheres (e homens) que depois tomariam banho (ou não) e iriam para seus empregos, seus filhos. Âncora do jornal da manhã, professor, designer gráfico, contador, homeopata, físico nuclear, policial, metalúrgico. Os clientes apareceriam (deviam aparecer?) no hospital com queimaduras, machucados, coisas estranhas em lugares mais estranhos. Ou não, talvez fosse só a gozada e, daí, desligar o computador.

O Diretor se espreguiçou no sofá. Tinha um resto de tarde cansado e ocupado. Ele se levantou.

3.

Sarah se olha no espelho, as roupas (justas) de corrida, o tênis Nike (também de corrida). Ela se vira de perfil, aperta os próprios peitos, a barriga, solta muxoxos, se vira de frente, prende o cabelo castanho, tira alguns cachos do rosto. Coloca na gaveta a fita métrica e o bloco de anotações (quadril, cintura e busto, números (altos na opinião dela (normais na opinião do resto do universo))).

Despede-se do marido, pergunta do jantar de sexta-feira. Ele desliga a televisão: preferia deixar a sexta-feira para eles dois. Ela sorri, já na porta: tem que conferir se tem disponibilidade. Sorriem. O marido se esquece de perguntar se não é muito tarde (e um pouco escuro) para sair de casa. Suspira, enquanto liga a televisão novamente (canal de esportes). Aquele era o jeito de Sarah.

Ela inspira, sai de casa. Vai expirando lentamente enquanto inicia a corrida de aqueci-

mento. Cumprimenta duas vizinhas enquanto corre cinco quadras de distância de casa. Chega a um parque (vazio (mas não vazio o suficiente, na opinião dela)). Antes que chegue à pista de corrida, um carro para ao seu lado, na rua. Um homem desce (altura mediana, uma barrigui-nha, costas direitas, uma mão no bolso). Pergunta algo que ela não ouve bem. Ela se aproxima alguns passos dele:

— Posso te ajudar?

O homem (rosto jovem, óculos de aro fino) sorri um sorriso de dentes alinhados.

— Na verdade, pode.

LUÍSA GEISLER (RIO GRANDE DO SUL) – Escritora. Vencedora do Prêmio SESC de Literatura de 2010 na categoria conto, com o livro *Contos de Mentira*. No ano seguinte, repetiu a dose vencendo o prêmio de melhor romance com *Quiçá*. Em 2012, foi incluída na antologia *Os melhores jovens escritores brasileiros*, editada pela revista *Granta*. Foi a mais jovem autora selecionada para a coleção.